

REVISTA ADVENTISTA

«Até que todos cheguemos à unidade da Fé, ao conhecimento do Filho de Deus»
Aos Efésios 4:13



A Inspiração Bíblica

Por E. G. WHITE



O Importante movimento de 1844

Por A. V. OLSON



A Verdadeira Beleza

Por W. MONOD



Interpretações Proféticas



Deus ou Matéria?

Por A. DIAS GOMES



¿Será possível a união entre os Cristãos?



Cristologia



Escatologia Católica

Por AD. TANQUEREY



— 2\$50 —

Esclarecendo...

«Se, com sinceridade, procurarmos a verdadeira religião, é impossível, como já dissemos, fechar os olhos ao problema: precisamos estudar o povo judeu e a sua história e, conseqüentemente, a Bíblia que contém essa história; carecemos de estudar a vida de Jesus Cristo, relatada nos Evangelhos; noutros termos, precisamos estudar o Velho e o Novo Testamento.

«Ora, antes mesmo de começar este resumido estudo, podemos desde já sublinhar um facto: se o povo judeu nos aparece entre todos os povos como um povo à parte, sem semelhanças a qualquer outro, a Bíblia também nos apresenta características distintas dos outros livros: não existe semelhante no mundo e jamais existirá.

«Este livro tem, por outro lado, isto de especial: ninguém fica indiferente perante ele; uns veneram-no como livro sagrado, inspirado por Deus; outros atacam-no com furor e estes ataques, renovados sem cessar há séculos, parece que só podem explicar-se pelo que Bossuet chamava: a fúria dos homens contra a verdade. Não atacam os Vedas da Índia, não atacam o livro de Confúcio, nem o Corão dos muçulmanos mas atacam a Bíblia e homens há que passam toda a sua vida a enfurecer-se contra ela, procurando apanhá-la em erro, arruinar-lhe a autoridade. E este ódio é uma homenagem dissimulada; não se ataca desta forma o que está morto: a Bíblia está sempre viva, é o mais vivo de todos os livros».

Monsenhor Luis Drunel

vice-reitor da Universidade Católica de Paris, apud «Cours Supérieur de Religion»

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Redacção e Administração
Rua Joaquim Bonifácio, 17
Composta e impressa na
Tipografia Gomes & Rodrigues
32, Rue das Picoas, 34 // LISBOA

Director: A. Dias Gomes
Redactor: Ernesto Ferreira
Administrador: A. F. Reposo

Cont. e Ilhas Colónias
Número avulso 2\$50 3\$00
Assinatura anual 12\$50 15\$00

Exageros

Encontram-se pessoas inclinadas aos exageros em todos os sectores da vida social. Não podiam deixar de existir no campo religioso. Os fariseus nos tempos de Cristo, quando punham cargas em cima dos outros e nem com um dedo os ajudavam, formavam o partido dos exagerados. ¡Curar um doente em dia de sábado! ¡Comer um ovo pôsto em dia de sábado! Que tremendos pecados... Os exagerados são algumas vezes sinceros mas, de forma geral, são velhacos. Os fariseus que não queriam contaminar-se num julgamento para poderem comer da Páscoa, insistiam com Pilatos pela condenação de Jesus e incitavam a turba contra Ele.

Além deste triste exemplo de um partido religioso de exagerados, citaremos mais exemplos da Bíblia com o fim de analisar bem o que é o exagêro e as suas conseqüências. Os doze Oficiais israelitas mandados em observação à Palestina vieram dizer: «A terra, pelo meio da qual passamos a espiar, é terra que consome os seus moradores; e todo o povo que vimos no meio dela são homens de grande estatura» (Números 13:32). Nestes têrmos aquêles oficiais «infamaram a terra que tinham espiado»; «o povo chorou naquela noite» de desespero por se ter deixado enganar pelos condutores Moisés e Arão contra os quais murmuraram.

Ora examinemos:

- a) Houve um grande exagêro da parte dos Oficiais. Uma coisa era a dificuldade da conquista e outra «consumir a terra os seus habitantes».
- b) O exagêro seria facilmente descoberto se o povo reflectisse na contradição que êle envolvia. ¿Então consumia os habitantes e viviam lá «gigantes filhos de gigantes»? O exagerado, sincero ou velhaco, está sempre em contradição.
- c) O resultado do exagêro foi o desânimo em milhões de pessoas prontas a voltar para o Egipto e que tiveram de deixar os seus ossos no deserto, sem poder penetrar na Terra Prometida.

(Conclui na página 14)

A INSPIRAÇÃO BÍBLICA

por
E. G. White



Tempos houve em que a Bíblia era lida sob o perigo constante da morte ou da cadeia!

« Os escritores da Bíblia tiveram de expressar as suas ideias em linguagem humana. A Bíblia foi escrita por seres humanos. Êsses homens foram inspirados pelo Espírito Santo. Em virtude das imperfeições da linguagem humana ou da perversidade da mente humana, sempre engenhosa para se evadir da verdade, muitos lêem e compreendem a Bíblia ao seu agrado. A dificuldade não está na Bíblia. Os políticos de partidos adversos também argumentam acerca da lei contida no Código e tomam pontos de vistas opostos quanto à sua aplicação.

« As verdades da Bíblia são como as pérolas escondidas. Têm de ser procuradas, escavadas por meio de esforços penosos. Quem tiver apenas conhecimento superficial das Escrituras falará — baseado na sua superficialidade que poderá confundir com profundidade — das contradições bíblicas e porá em dúvida a autoridade das Sagradas Escrituras. Mas os que tiverem corações em harmonia com a verdade e o dever examinarão as Escrituras com cora-

ção pronto a receber as impressões divinas. A alma iluminada verá a unidade espiritual, um grande fio doirado correndo ao longo de todo o livro mas é preciso paciência, pensar, oração para extrair e pôr à luz êsse precioso fio doirado. Agudas controvérsias sobre a Bíblia levaram a investigações e revelaram as joias preciosas de verdade. Muitas lágrimas foram derramadas, muitas preces oferecidas para que o Senhor abrisse a compreensão à Sua Palavra.

A Bíblia não nos foi dada em grande e super-humana linguagem. Jesus, para alcançar os homens, onde êles se encontravam, tomou a humanidade. A Bíblia teve de ser dada em linguagem humana. Ora tudo quanto é humano é imperfeito. Diferentes sentidos são expressos pela mesma palavra, não há uma palavra específica para cada ideia distinta. A Bíblia foi dada para fins práticos.

A Bíblia é escrita por homens

inspirados mas não representa o modo de Deus no pensar e na expressão. Representa o da humanidade. Deus não se apresenta como escritor. Muitos dirão que esta ou aquela expressão não é própria de Deus. Mas a verdade é que Deus não se colocou em palavras, em lógica, em retórica, para ser examinado na Bíblia. Os escritores bíblicos foram secretários divinos e não a pena de Deus. Reparem nas diferenças entre os escritores.

Não são as palavras da Bíblia que são inspiradas mas os homens é que foram inspirados. A inspiração actua não sobre as palavras mas sobre os homens que, sob a influência do Espírito Santo, ficavam cheios de pensamentos. As palavras também receberam a impressão da mente individual. A mente divina foi difundida. A mente e a verdade divinas combinaram-se com a mente e a verdade humanas e desta forma as afirmações do autor são a palavra de Deus.

(M. S. 24, 1886, escrito na Europa em 1886 — Apud Ministry, Março de 1944)

O importante movimento

por A. V. Olson

Mais de seis séculos antes da era cristã, Deus predisse, pelo profeta Daniel, que o julgamento investigativo começaria, no céu, 2.300 anos depois da proclamação do édito que ordenasse a reconstrução de Jerusalém — isto é, em 1844. Uns setecentos anos mais tarde, Deus declarou por meio do profeta e apóstolo João que, antes dêste acontecimento, uma mensagem divina avisaria os habitantes da terra que «a hora do seu juízo é vinda». A história revela que, efectivamente, antes de soar esta «hora» solene, Deus suscitou em muitos países mensageiros da sua própria escolha os quais proclamaram com poder: «Temei a Deus e dai-lhe glória porque a hora do seu juízo é vinda».

O estudo das profecias de Daniel e do Apocalipse levaram homens de Deus em diferentes partes do mundo a concluir que Cristo regressaria pelo ano de 1840 para reunir os seus eleitos e purificar a terra pelo fogo. Com o coração inflamado de zêlo sagrado, prégadores e membros laicos de diversas confissões religiosas foram de lugar em lugar proclamando a mensagem solene da iminência do regresso de Cristo. Em 1842, Mount Brook, eclesiástico da Igreja Anglicana, escrevia: «Não é só na Inglaterra que se espera o regresso do Redentor mas também na América, nas Índias e no continente europeu...». Numa pequena brochura intitulada *Milénio* o autor declara crer que na América, mais de trezentos prégadores prégam êste evangelho do reino; enquanto neste país, acrescenta êle, cêrca de setecentos prégadores da Igreja Anglicana proclamam a mesma mensagem (*Advent Tracts*, vol. II, Boston). José Wolf viajou muito na África, visitou o Egípto e a Abissínia; na Ásia, atravessando a Palestina, a Síria, a Pérsia, a Bucária e as Índias e prégou por tôda a parte a boa-nova. Lacunza prégou a mesma mensagem na América do Sul e noutros pontos. Na Suécia, onde as autoridades interdiziam aos adultos publicar a mensagem do primeiro anjo

do Apocalipse 14, Deus serviu-se das criancinhas de seis a doze anos para a fazer conhecer com solenidade e poder. O mundo raras vezes foi tão profunda e uniformemente influenciado por um movimento religioso como pela proclamação da mensagem do primeiro anjo.

Na América, sob a direcção de Guilherme Miller, prégador laico baptista, o reavivamento adventista tornou-se um movimento distinto. Miller e os seus colegas julgaram que o santuário a ser purificado, no fim dos dois mil e trezentos anos, era a nossa terra e concluíram daí que esta purificação se faria pelo fogo quando do regresso de Cristo. Com a alma radiante de alegria ante a perspectiva de ver Jesus, o seu amado Redentor, descer dos Céus em tôda a sua glória, êles revolveram tôda a América, de um ao outro mar, com a mensagem animadora que Cristo voltaria em 1844.

Quando o momento esperado veio e passou sem que Cristo regressasse, houve por tôda a parte uma amarga decepção, idêntica à sentida pelos discípulos do Senhor quando da sua crucifixão. Multidões abandonaram a sua fé nas doutrinas relativas ao regresso de Jesus. Muitos abandonaram as suas Bíblias, voltaram as costas a Deus e regressaram ao mundo. Outros, porém, recusaram renegar Deus e a Sua preciosa Palavra. Estavam convencidos de que a falta não se encontrava na Bíblia. Sabiam que o êrro estava nêles e que, de qualquer forma, tinham interpretado mal as Escrituras. Com lágrimas e com muitas orações fervorosas continuaram a estudar a Palavra de Deus. Nela descobriram, então, que se tinham enganado. Compreenderam que não podiam provar que o santuário era esta terra. Viram que o único santuário mencionado na Bíblia como existente no ano de 1844, era o Celeste, de que o terrestre de Moisés era apenas a imagem. Compreenderam que a profecia de Daniel 8: 13 não anunciava a vinda de Cristo em 1844, mas a verdade

impressionante que o juízo investigativo ia começar nessa data.

Quando apanharam todo o alcance desta revelação e admitiram que as suas vidas podiam comparecer bem depressa perante o Juiz de tôda a terra, desejaram com ardor marchar mais perto de Deus e conhecer melhor a Sua vontade. Relatando a sua experiência diz E. White: «Reuníamo-nos com a alma preocupada e orávamos para que fôssemos um na fé e na doutrina; porque sabíamos que Cristo não está dividido. Estudávamos cada ponto da fé de per si. Abríamos as Escrituras com respeito e até mesmo com temor; muitas vezes jejuávamos para podermos descobrir e compreender melhor a verdade. Se, após uma oração fervorosa, não compreendíamos um ponto, discutíamo-lo e cada um exprimia-se livremente; depois punhamo-nos de joelhos e ardentes súplicas se elevavam a Deus para que nos ajudasse a compreender, para que fôssemos um como Cristo e o Pai são um. Corriam lágrimas. Passávamos horas juntos assim preocupados. Às vezes estudávamos as Escrituras durante tôda a noite preocupados em compreender a verdade para a nossa época. Em certas ocasiões o Espírito de Deus repousava sôbre mim e passagens difíceis eram explicadas segundo o pensamento de Deus; assim havia uma harmonia perfeita. Estávamos todos num só espírito e num só coração» (*Experiências e Ensinos Cristãos*, págs. 192 e 193).

Deus recompensou esta profunda investigação da luz e da verdade. Abriu os olhos dos seus entendimentos e fêz-lhes ver a luz que brotava das páginas sagradas. Uma após outra, as doutrinas cardiais e tão queridas dos Adventistas do Sétimo Dia se desenrolaram diante dêles. Com alegria aceitaram a nova luz e começaram a levá-la a outros. Embora pouco numerosos e pobres em bens dêste mundo, apressaram-se em avisar os seus semelhantes. Desde o princípio encontraram a oposição e foram o escárneo da

multidão. O seu trabalho era penoso e lento. Contudo êstes humildes servidores de Deus perseveraram. Formaram-se pouco a pouco núcleos pequenos de crentes. Êstes novos convertidos juntaram-se aos pioneiros para fazer avançar a obra. Com a bênção de Deus esta obra estendeu-se de um estado ao outro nos Estados Unidos e até ao Canadá. Em 1874, foi enviado o primeiro representante para além-mar, à Europa, a divulgar a mensagem do terceiro anjo. Justamente, vinte anos mais tarde, em 1894, foi enviado o nosso primeiro missionário a terras pagãs.

Desde o seu humilde princípio em 1845, a nossa obra estabeleceu-se em 412 países, ilhas e grupos de ilhas. A mensagem que na origem foi proclamada numa só língua, é agora proclamada em 824 línguas e por escrito em 206. Casas publicadoras rodeando o glôbo lançam cada ano uma onda de centenas de milhares de contos em livros, jornais e tratados destinados a avisar o mundo do regresso próximo do Senhor.

Quando nós consideramos atentamente a origem e o desenvolvimento da mensagem do terceiro

« Temei a Deus e dai-lhe glória... »

Ap. 14:3

anjo no mundo, não podemos fur-tar-nos à convicção que esta mensagem é de Deus. Ressoou no momento predito outrora pelo profeta; está conforme o modelo divino;

realiza a sua missão divina. Depressa atingirá tôda a nação, tôda a língua e todo o povo. Então virá o fim das coisas terrestres e o glorioso triunfo do povo de Deus.



Existência de Deus

Ó ímpio, tu que clamas: «Não existe
Um Deus eterno, a sua monarquia
É obra de artilosa fantasia
Para reger tirana o povo triste»;

Os olhos porventura, dize, abriste
Para êsses globos ver? Viste a harmonia,
Com que rondam, brilhando noite e dia?
Ah! bem mostras, insano, que os não viste!

Levanta a vista, pois; vê uma estrêla,
Uma planta, uma flor, e logo adverte
Se a não produz do Acaso obra tão bela.

Vê-te a ti mesmo; e, para convencer-te,
Quê maior prova teu engano a nela,
Pois para ver que há Deus basta só ver-te!

A. D. da Cruz e Silva - seo. XVIII

O dever máximo

dos cristãos, à medida que se cumprem os sinais proféticos da proximidade do Reino de Cristo, é difundir o Evangelho, animar com o seu trabalho pessoal, os seus donativos e as suas preces, a obra das Missões, nos continentes civilizados e nos pagãos.

BELEZA

Por W. Monod



«O ser humano tem sede do que é belo. A criança no berço anima-se, resplandece de alegria, quando ao crepúsculo se acende uma luz. A pureza das formas e a carícia das cores exercem aos nossos olhos encanto fascinante; o tecido leve e brilhante, uma paisagem onde a combinação dos escuros e dos claros desenha renda caprichosa nos prados, um corpo bem proporcionado, tudo isto, desperta, em graus diversos, a nossa admiração espontânea; o nosso coração bate mais depressa e sentimos que a nossa retina é qualquer coisa mais do que uma máquina fotográfica. Na simples contemplação, damos tanto como recebemos.

A vista não é o único sentido com magia; a música revela-nos melodias interiores que cantavam em nós. Compreendemos que o domínio da arte não se limita ao domínio dos sentidos. Para adivinhar ou suscitar a beleza das coisas, até só para a reconhecer, necessário se torna trazer em nós um ideal indefinido de harmonia universal. Lembrança ou pressentimento, este ideal a brilhar na natureza aparece ainda mais nítido no reino do espírito. Entre um cristal

e uma ave, a distância é grande; são dois reinos diferentes e sobrepostos; e contudo a distância entre o reino animal e o mineral é nada quando comparada à que separa a beleza física da beleza intelectual. Esta é invisível, impalpável mas ainda podemos falar, e com razão, de beleza porque ela não está, em última análise, nas formas e nos sons mas sim na alma humana. Sim, há belos discursos, belos poemas, belas demonstrações, belos pensamentos; tal como um pôr de sol, a eloquência dá-nos estremecimentos.

Mesmo assim, as nossas aspirações insatisfeitas, com o bater de asas interiores, arrastam-nos para mais alto, sempre para cima, até às regiões das belezas superiores. Assim como é infinita a distância entre a beleza material e a beleza intelectual assim também existe uma distância «infinitamente mais infinita» entre o belo intelectual e o belo moral. A cadeia dos Alpes, dourada pela aurora, não vale o embrulho de papéis poeirentos onde o génio de Pascal traçou linhas informes. E a obra imortal do filósofo matemático não vale, no fundo duma mansarda, a mais obscura vitória sobre a Tentação. Quando somos colocados diante de um acto autêntico de devotamento sem palavras, saltam-nos as lágrimas de emoção e sentimo-nos empolgados de admiração muito mais que na presença do oceano selvagem ou no lumiar do palácio onde estão armazenadas as obras primas da ciência. Eis, pois, a beleza suprema e sem rival: ser moralmente o que se deve ser; amar sempre, apesar de tudo, até ao sacrifício!

Encontramos em Jesus este amor pelo ser humano. «Não há maior amor do que dar a sua vida pelos seus amigos». Conseqüentemente não há beleza maior. Por isso, este

amor único, perfeito como obra de arte, subjuga pelo brilho do seu esplendor imaculado, o nosso coração, o nosso pensamento, a nossa imaginação; dá vôo a todos os pressentimentos, a todas as instituições proféticas do nosso ser; evoca os poderes plásticos da nossa alma; impõe ao movimento tumultuoso da nossa vida interior a cadência de um ritmo pacificador. Escrevia Goethê: «Nunca deveríamos deixar passar um dia sem contemplar um belo quadro, sem escutar uma bela música, sem ler um belo poema». Pois bem, este ideal é atingido pelo cristão humilde que, cada manhã, abre o Evangelho e que detém os seus olhos com adoração sobre Aquêle que amou os homens; «não há maior amor».

É justamente na contemplação do Crucificado e do Seu amor sem mácula que está o sol central e a glória do universo. Em torno de nós, pretende-se procurar o que é grande, o que é nobre, o que é belo, e voltam as costas ao Calvário! Já um cristão do século XVII escrevia da sua prisão: «Vergonha sobre nós que amamos as belas joias, as lindas casas, as paisagens encantadoras, os espectáculos cheios de emoção, as formosas faces e que não ardemos de amor por Cristo, Êle que é perfeitamente belo, a suprema beleza!»

E no século XX, outro pensador cristão dizia: «Jesus Cristo na cruz é belo, como a salvação, como o amor, como a verdade e a esperança... Na verdade, o que nos faz admirar não é que alguns olhares se detenham sobre Jesus na cruz mas sim que Êle não reúna em Si, em fervente e comum contemplação, os olhares de todos os homens do mundo. Se considerarmos só o que os homens têm costume de chamar belo, nenhum outro espectáculo mais belo foi oferecido à sua admiração».

PROFÉTICAS

A Grande Estátua

sonhada por Nabucodonosor
em Daniel capítulo 2

A — Autores Católicos-Romanos

CARDEAL DE LA LUZERNE, bispo de Langres

« Os quatro primeiros reinos de que fala Daniel, elevaram-se uns nos destroços dos outros, a saber: o dos Babilônios, derribado pelos Persas; o dos Persas, destruído pelos Gregos sob o comando de Alexandre; o dos Gregos, conquistado pelos Romanos e, por último, o dos Romanos. Não pode haver dúvidas sobre estes quatro primeiros impérios. A história bem certa destes diversos povos, mostra nas suas evoluções, o cumprimento exacto das predições de Daniel. Ainda, em outros capítulos do mesmo livro, faz menção expressa destas monarquias. No capítulo 8.º, sob o símbolo de um carneiro cheio de fôrça e de um bode ainda mais forte que o derriba e o reduz à sua potência, Daniel prediz, assim como êle mesmo o explica em têrmos próprios, que o Rei dos Medos e dos Persas seria vencido pelo Rei dos Gregos. No capítulo 11, ao descrever grande número de acontecimentos que deveriam acontecer no reinado dos Seleucidas, Daniel nomeia os Romanos que deverão, nos seus navios com três fileiras de remos, vir atacar um desses reis e vencê-lo ».

«Dissertation sur les Prophéties», pág. 127

B — Autores Protestantes

H. GRATTAN GUINNESS, East London Institute for Home and Foreign Missions

« Uma sucessão de quatro impérios universais, terrestres e semelhantes aqui está predita a qual será seguida por um quinto império de pedra. Os primeiros quatro seriam destruídos, o último destruiria estes quatro. Os quatro primeiros seriam esmigalhados mas o último nunca mais seria destruído. Os primeiros quatro formariam uma grande Imagem; o último tornar-se-ia uma grande montanha e encheria toda a terra. Os primeiros quatro seriam consumidos e varridos; o último permaneceria para sempre.

« Segundo o consentimento universal das Igrejas em todas as idades e em todos os sectores, os primeiros quatro impérios são: o Babilónico, o Persa, o Grego e o Romano. O último, ainda futuro, será o reino do Filho do Homem. A evidência interna escripturística e histórica está em favor desta interpretação e tem sobejo peso na concordância dos estudantes e comentadores, da primitiva Igreja, quer latina quer grega, de todas as Igrejas Protestantes onde os poucos que ultimamente a têm posto em dúvida têm sido considerados como guias precipitados, presunçosos e pouco seguros, capazes de destruir toda a sólida interpretação das profecias das Escrituras. Consideramos portanto como provado que



esta visão representa um breve esquema dos quatro grandes impérios que têm mantido domínio universal. Apresenta o quarto império nas duas fases sucessivas, primeiro com as pernas de puro ferro e depois com dez dedos compostos em parte de barro e em parte de ferro, representando nestes dois símbolos, primeiramente Roma na sua fôrça imperial indivisa e depois o mesmo império dividido ».

«The Approaching End of The Age», pág. 29

C — Autores Adventistas

URIAH SMITH, escritor e publicista do século passado

« Que a Babilónia, a Média-Pérsia e a Grécia são representadas respectivamente pela cabeça de ouro, pelos peitos e braços de prata e pelas coxas de cobre, todos estão de acôrdo. . . Qual é o reino que sucedeu à Grécia no império do mundo? porque as pernas de ferro denotam o quarto reino da série. O testemunho da história é completo e explícito neste ponto. Um só e único reino exerceu esta missão e foi o de Roma. Conquistou ela a Grécia; subjugou todos os estados; como se fôsse de ferro, tudo quebrou e esmiuçou. O historiador Gibbon, seguindo a imagem simbólica de Daniel, descreve assim este império :

« As armas da república, algumas vezes vencidas nas batalhas, sempre vitoriosas nas guerras avançaram a passos rápidos do Eufrates, do Danúbio, do Reno e do oceano; e as imagens do ouro, da prata, do cobre que podiam servir para representar as nações ou os seus reis, foram quebradas sucessivamente pelo ferro da monarquia de Roma ».

«Thoughts on Daniel», pág. 61

EXISTEM três sistemas filosóficos para explicar o nosso mundo: Teísmo, Panteísmo e Materialismo.

Segundo o Teísmo existe o Ente de que derivaram tôdas as fôrças e todos os seres existentes o qual é distinto ou independente de tudo quanto se vê ou possa existir.

Para o Panteísmo ainda existe o Ente, vulgarmente conhecido por Deus, mas não se distingue do mundo na realidade e na essência. Está identificado à natureza. Tudo quanto possamos ver ou conhecer é Deus.

O Materialismo nega a existência de Deus; não precisa d'Ele para explicar o universo. Basta-lhe a existência eterna da matéria. Só a matéria e os fenómenos materiais.

Os postulados principais do materialismo são três:

- 1.º — A matéria é eterna.
- 2.º — O movimento é eterno.
- 3.º — Da matéria e do movimento nasceram os seres vivos por meio de evolução progressiva e mecânica que ainda continua a sua acção sob os nossos olhos.

O Materialismo teve a sua época de grandeza em que pareceu dominar o campo do pensamento. Ainda nos princípios do século actual poderíamos ler nos livros de divulgação materialista frases como esta: «A matéria é imortal e indestrutível; nenhuma molécula de pó, por miuda que seja, pode perder-se no universo, nem ser acrescentada... A immortalidade ou conservação da matéria é hoje em dia um facto adquirido para a ciência e que já não se pode negar». («Fôrça e Matéria» de L. Buchner, Ed. de 1911).

Procuremos seguir o pensamento científico na investigação do primeiro postulado do Materialismo: *E' ou não é eterna a matéria?*

a — Primeiro facto

Embora os sólidos se nos apresentem sob o aspecto de compactos, a verdade é que a matéria é extremamente divisível, não só no estado gasoso e líquido mas até nos próprios sólidos. Sopram-se objectos de vidro com um micron de espessura (a milésima parte de um milímetro); obtem-se fios de platina com 0,8 de micron de espessura; batem-se fôlhas de ouro com 0,1 de micron de espessura; tais lâminas ainda parecem contínuas, mas deixam-se atravessar pela luz verde; os balões de sabão, feitos à moda dos gaiatos, apresentam certas manchas que foram medidas e cuja espessura acusava 0,01 de mí-

DEUS OU

cron; se deitarmos um minúsculo fragmento de cânfora na água, êste ali se desloca em tôdas as direcções; se deitarmos uma gôta de azeite nessa água, o movimento fica impedido; mediu-se a espessura da camada eficaz de azeite e viu-se que era vizinha de 0,002 do micron!

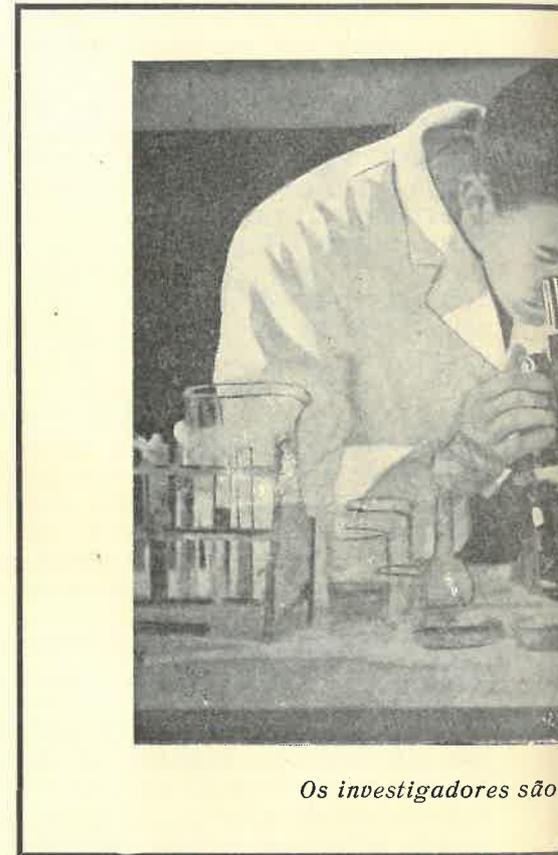
Todos sabem que se chamam *moléculas* as mais ínfimas partículas de matéria em que se possam manifestar as suas propriedades características. Ora, se considerarmos, por exemplo, a tal lâmina de ouro com 0,1 de micron de espessura — e não é das menores dimensões atrás apontadas — podemos dizer, com absoluta certeza, que a molécula de ouro, se é que existe, não terá uma espessura maior. Se admitirmos para forma dessa molécula a esfera, seremos capazes de avaliar o volume da molécula do ouro, neste caso ultra-limite. Com efeito, todos sabem que

$$V = \frac{4}{3} \pi R^3 = \frac{4}{3} \times 4,16 \times \left(\frac{10^{-4}}{2}\right)^3 = 0^{mm^3}, 000.000.000.000.52.$$

O pêso neste caso não seria difícil de determinar e daria uma quantidade da ordem dos 10^{-14} , isto é, uma unidade sôbre outra seguida de 14 zeros!

Não ficaram aqui as investigações dos sábios. Não podendo ver nem medir directamente a molécula, arranjam processos para o fazer indirectamente. Estabeleceram relações entre os pêsos de um determinado volume de gaz e a molécula dêsse gaz. Levar-nos-ia para fora dêste artigo explicar como deram preferência ao volume 22,4 litros. A verdade é que, applicando a êste volume a Lei de Avogadro, concluíram que teria o mesmo número de moléculas de todos os corpos que fôsse possível reduzir a gaz ou vapor, nas mesmas condições de pressão e temperatura. Deitaram mãos à obra e por meio de mais de vinte processos rigorosos chegaram a determinar que em 22,4 litros de qualquer gaz existem 060 sextiliões de moléculas! Tal número precisa de uma pausa explicativa: num ano há, se o nosso cálculo não erra, 31.536.000 segundos; suponhamos agora que 700.000 pessoas eram capazes de contar duas mo-

léculas por segundo, cada uma; ao fim de um ano as 700.000 tinham contado apenas 44.150.400.000.000 de moléculas. Muito bem. Ora se eu dividir os 960 sextiliões de moléculas existentes em 22,4 litros = 22.400 c. c., por êste volume, obtenho o número de moléculas existentes em 1 c. c., e tal número é igual a 42.850.000.000.000.000.000. Pois bem se dividir êste último número pelo número de moléculas contadas num ano pelas 700.000 pessoas,



Os investigadores são

verifico que, para contar apenas o número de moléculas existentes num centímetro cúbico, preciso de 870.546 anos! Para contar os tais 960 sextiliões de moléculas basta multiplicar êste número por 22.400 c. c., o que dá 21.740.230.400 anos! Eis o que significa praticamente 960 sextiliões de moléculas. Se tiver vagar, queira o leitor refazer os cálculos.

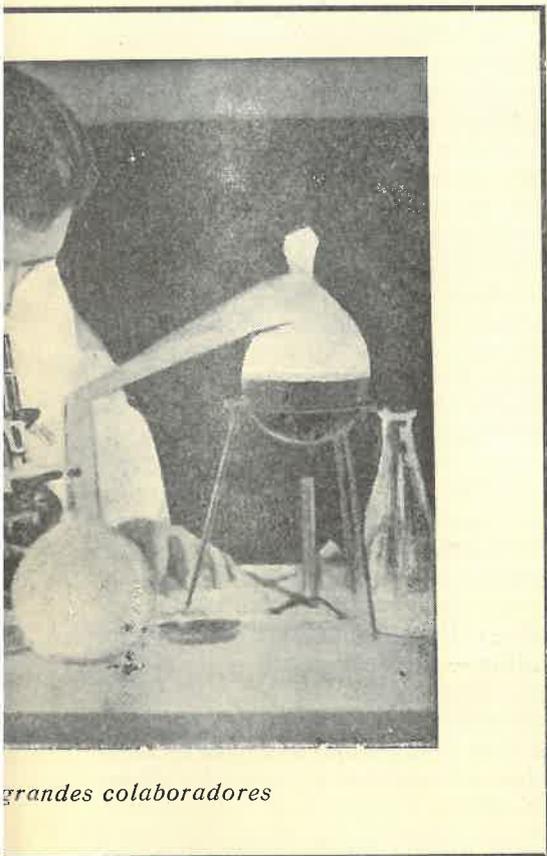
Sabido quantas moléculas existiam num determinado volume de gás cujo pêso é fácil de avaliar, também não era difícil calcular, para cada espécie de gás, o pêso

MATÉRIA? ≡

de uma molécula. Para a trioleína seria por exemplo:

$$p = 884 : (960 \times 10^{21}) = \frac{884}{96} \times \frac{1}{10^{22}} = 0^{\text{sr}}, 000.000.000.000.000.000.000.9$$

Coisa tão pequena nunca foi vista pelos investigadores e todos eles eram unânimes em dizer que não esperavam ver jamais. Parece que já se descobriu possibilidade de as ver. Mas o facto de não se ver



grandes colaboradores

qualquer objecto não quer dizer que não exista e a realidade das moléculas entrou de tal maneira na química que nada se pode fazer sem elas.

Não se viam as moléculas mas verificou-se que não estão em repouso. Os gases e os líquidos estão em contínuo movimento. Não é possível colocar em presença dois gases ou dois líquidos por mais diferentes que sejam nas suas densidades sem que, passado período de tempo mais ou menos longo, não se estabeleça entre eles uma mistura, o que prova o movimento

das suas moléculas. E até os próprios sólidos só têm um repouso muito aparente: de facto, nos corpos, a que devemos nós as suas cores? Os físicos dizem-nos que são devidas ao movimento vibratório das moléculas da camada superficial. Nada na natureza está em repouso!

b — Segundo facto

As moléculas—embora de dimensões tão ínfimas—não eram, porém, as últimas partículas da divisão da matéria. Uma molécula, sobretudo dos corpos compostos, tinha fatalmente de possuir a composição do conjunto. E de facto, os fenómenos da electrolise vieram demonstrar a existência dos *iões*, partes divisíveis da molécula, em viagem orientada pela corrente eléctrica. Os iões não são concepções idealistas mas realidades e tanto assim que tentaram medi-los e até fotografá-los!

E ainda estávamos admirados da espezteza humana na contagem dos iões, ou atomos carregados de electricidade, e já outras descobertas vinham demonstrar que até os *atmos* eram divisíveis. A ampola de Geissler produziu os *raios catódicos* e deu ao mundo a certeza de que os *atmos* eram constituídos por partículas mais ínfimas ainda, entre as quais se podiam apontar as que formavam esses raios ou os *eléctrones*. Os raios catódicos são constituídos por corpúsculos carregados de electricidade negativa e, como são produzidos por qualquer espécie de matéria, nada mais natural do que acreditar que toda a matéria, no fundo, é constituída por *eléctrones*, carregados de electricidade negativa de que não foi ainda possível separá-los. Obtidos os *eléctrones* puzeram-se mãos à obra para lhes determinar a massa, a carga eléctrica e a velocidade do movimento. Os resultados são:

a massa do *eléctron* = 1.800 vezes menor do que a massa do atomo de hidrogénio

a velocidade do seu movimento = 30.000 a 60.000 Km. por segundo.

c — Terceiro facto

Vamos raciocinar. Pelos vistos parece que o *eléctron* tem massa. Ora a massa é mesurável pelas atracções que sobre ela exerce a gravidade. Também exprime a resistência ao movimento e até se conhece a massa como «o coeficiente de *énércia* ou coeficiente de resistência ao movimento». Mas será só a matéria que opõe resistência ao movimento? Sabemos que se quizermos pôr em movimento um anel ou roda metálica dentro de um campo magnético aparece uma corrente induzida que se opõe a tal movimento e lhe comunica uma resistência electro-magnética. Ora o *eléctron* é ou tem uma carga eléctrica a qual terá de criar resistência ao seu movimento e que pode ser fisicamente interpretada de duas maneiras:

- 1.^a — Pela *énércia* material da sua massa.
- 2.^a — Pela *énércia* electro-magnética que o *eléctron* desenvolve ao mover-se.

Qual das duas será? Existirão ambas?

Os experimentalistas estudaram a questão sob os dois pontos de vista para determinar a concordância ou discordância nas duas interpretações. Ao fim de laboriosas experiências que se podem encontrar nos livros da especialidade concluíram eles que a *massa real* é idêntica à *massa electromagnética* obtida pela reacção das partículas electrizadas. Daqui a conclusão que, pelo menos, tudo se passa como se o *eléctron* não tivesse *massa mecânica* ou *real*. Se tivesse esta massa era natural que tivéssemos de adicionar a resistência ao movimento, desta espécie de massa, com a resistência proveniente da *énércia* electromagnética e os cálculos indicariam valores que as experiências não comportam.

Aparece-nos, pois, o nosso *eléctron*, essa partícula última da matéria, destacada do atomo, como carga eléctrica, sem suporte material!

Já é alguma coisa; a matéria aparece-nos desmaterializada, nos tubos de Geissler, como uma concentração de electricidade ou de Energia. E o mais transcendente ia aparecer depois mas por aqui ficaremos hoje.

A. D. G.

¿Será possível A União entre os cristãos?

Nos momentos mais agudos da vida mundial, lêem-se artigos, nos jornais e revistas, e ouvem-se discursos sobre a necessidade de unir todos os cristãos numa só igreja. Também por vezes se organizam congressos entre representantes dos principais núcleos cristãos, no intuito de apresentar alguma plataforma de união.

Estas notícias produzem as mais diversas reacções. Alguns, são levados a pensar pela primeira vez, na triste realidade religiosa-cristã: a crença em Deus deu origem à separação entre os variados povos; a crença e aceitação das doutrinas de Cristo introduziu entre os homens, que Ele veio unir, a maior das divisões; enquanto Cristo rogava «Pai que os meus discípulos sejam um como nós», os discípulos de Cristo, mesmo involuntariamente, caíram na divisão e na contenda. E muitos deles encontram uma esplêndida desculpa para virar as costas às religiões; dizem eles: «que se entendam uns com os outros para eu, depois, ver se os posso entender».

Para quem esteja de fora dos tais congressos, dois pensamentos diversos assaltam o seu espírito. Podem tais congressos trabalhar sob o impulso político, à procura de uma plataforma de interesses materiais, sociais e internacionais até; trata-se apenas de procurar conciliar interesses materiais, desejos de predomínio, unificar as grandes indústrias religiosas e, para alcançar tal resultado, pretende-se aniquilar qualquer pensamento religioso discordante. Será este um mau processo de unir os crentes. Os monopólios deram sempre bons resultados aos estados que os protegeram, aos acionistas e foram,

sempre ou quasi sempre, aniquiladores de iniciativas particulares e exploradores do grande público. A ideia de uma só pátria e, nela, uma só religião, tem enchido o mundo de lágrimas e sofrimentos dando, em compensação, algumas páginas tristes na História. Só entrou a paz nos estados quando estes admitiram na sua Constituição a liberdade de crença e a neutralidade governamental em face dos credos.

Podem, porém, reunir-se com a grande ideia de discutir a veracidade de princípios, no intuito de limpar os credos de tôdas as doutrinas sem base nos documentos de autoridade. Também podem reunir-se com o fim de estabelecer laços de fraternal compreensão e respeitosa amizade, sem quebra de nenhum princípio verdadeiro ou menos verdadeiro existente nos diversos credos. Se assim fôr, tais congressos serão benéficos e devem receber a simpatia dos bons cristãos. Que ganharemos nós em chamar nomes feios uns aos outros, em desconsiderarmos os que não vêm o mundo com a mesma côr e sob o mesmo prisma? Tem alguém culpa de não ver? Os cristãos correm o mau risco de fazer o que fazem os Estados: matarem-se uns aos outros sob pretexto de querer dar vida mais desafogada aos seus cidadãos. Não seria melhor que procurassem entender-se na colonização de tão vastos territórios inexplorados? Não temos um largo mundo a evangelizar?

Deixemos porém que os congressos trabalhem em paz e vejamos se nós não poderemos trabalhar em favor do pedido de Cristo: «que os meus discípulos sejam um». Já aprendemos a simpatizar com todos os membros da nossa Congregação

e a respeitar a sua personalidade de crentes ou queremos nós ainda sujeitá-los e dominá-los às nossas maneiras de pensar? «Que ninguém vos domine a seu belo prazer com pretexto de humildade e culto dos anjos metendo-se em coisas que não viu» (Col. 2:18). Notemos que, segundo este texto devem ser os que parecem humildes e muito dados à religiosidade os elementos mais para temer neste parágrafo de domínio sobre a igreja! Precisamos pois respeitar a maneira de pensar e de sentir do nosso irmão na fé; nenhuma família manterá união caso não procure o respeito pela personalidade dos seus membros. Querer obrigar os outros a pensar à nossa moda, a vestir ao nosso gosto, a comer de harmonia com a nossa dieta, a divertir-se pelos modêlos que nos satisfazem, a casar com o indivíduo que se nos afigura amável, a orar a Deus como e quando pensamos conveniente, equivale a lançar lenha na fogueira da discórdia religiosa e social.

E já aprendemos o simpatizar com os crentes das outras congregações e a estar junto deles durante horas seguidas, discutindo até pontos doutrinários, sem quebra de harmonia e simpatia cristã? Qual é a base sobre que assentamos na nossa troca de impressões? Têm ou não têm os outros muitas doutrinas e pontos de vista absolutamente verdadeiros e que podem constituir assuntos de conversação que contribuirá para alicerçar entre nós todos sólidos laços de amizade e respeito? Têm tradições humanas, pontos de vista discutíveis? Quem estiver livre deles — e não serão muitos — deverão sentir pena e não terão forças para atirar pedras.

A união entre cristãos é o desejo secular de tôdas as almas bem nascidas e tementes a Deus. Lá dizia o Salmista:

«Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!» (Salmos 133:1).

e S. Paulo, que também tivera a oportunidade de ver a cizânia da discórdia brotar no seio das igrejas, não se esquece de pedir:

«Procurai guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz» (Efésios 4:3).

«Rogo-vos, porém, Irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos a mesma coisa e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo sentido e em um mesmo parecer» (1 Cor. 1:10).

ALGUNS PENSAMENTOS SÔBRE CRISTOLOGIA

1.º — **Cristologia** é a parte da doutrina cristã que estuda a personalidade de Cristo. Apresenta e discute as razões que levaram os cristãos de todos os tempos a dizer como o Eunuco da Etiópia: «Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus».

2.º — **1.ª Tese** «A natureza humana e a natureza divina uniram-se hipostaticamente na única pessoa do Verbo de Deus, de forma que Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem».

Podemos classificar as uniões em: *acidentais* ou *meras agregações* tais como os elementos componentes de uma sôpa; *morais*, quando vários indivíduos, mantendo a sua personalidade, se unem para determinados fins; *substanciais*, no caso de várias substâncias se ligarem entre si para formarem outra com qualidades diversas, tais como o hidrogénio e o oxigénio ao formar a água; neste exemplo poderíamos ainda chamar-lhe *união substancial natural*; *união substancial hipostática* é a união de várias naturezas completas que permanecem na íntegra e formam uma só pessoa.

Em Jesus Cristo há União Hipostática das duas naturezas, humana e divina, porque é substancial, não natural porque não faz das duas naturezas uma só natureza, mas sim hipostática porque faz das duas naturezas uma só pessoa, continuando sempre distintas essas naturezas.

3.º — **Algumas provas desta 1.ª Tese:**

a) **Testemunho dos Evangelhos Sinóticos.**

«E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado em quem me comprazo» (S. Mateus: 3:17).

«Ora para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados — disse para o paralítico: A ti te digo, levanta-te toma o teu leito e vai para tua casa» (S. Marcos 2:10 e 11).

«Eis que eu estou convosco até à consumação dos séculos» (S. Mateus 28:20).

Jesus aceita a confissão de Pedro, como verdadeira e revelada directamente do céu: «Tu és o Cristo o filho de Deus vivo» (S. Mateus 16:16).

Na presença dos Juizes, Cristo concorda que é Filho do Altíssimo: «Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo o Filho de Deus. Disse-lhe Jesus: tu o disseste» (S. Mateus 26:64).

Na parábola da vinha, o Chefe da Casa mandou o «seu Filho» «o herdeiro» o que supõe *único filho* — Mateus 21:33-34.

Jesus ordenou que os seus discípulos baptizassem no nome do Pai, no Seu e no do Espírito Santo, colocando-se na 2.ª Pessoa da SS. Trindade. Baptizar em nome significa dedicar alguém ao culto da pessoa em nome da qual foi baptizada.

b) **Testemunho da Igreja Apostólica.**

O livro dos Actos está cheio de afirmações da divindade de Jesus — Act. 3:26, 8:37, 22:16, 7:56.

c) **Testemunho de S. Paulo.** São inúmeros os textos das suas cartas onde se dá a Cristo a divindade, tais como Romanos 9:5, Fil. 2:5-11, Coloc. 1:15-19, 2:9.

d) Na epístola aos Hebreus encontram-se numerosos textos a dar a plena divindade a Cristo tais como 1:8-12.

e) **Testemunho de S. João** que viveu na época em que já apareciam muitas discussões sobre a divindade de Jesus e escolas tais como a dos Ebionitas, Cerintianos, etc.

a) No Apocalipse — 19:10, 1:5-8, 2:18, todo o capítulo 5, etc.

b) No Evangelho — 1:1-15, 5:17, 3:16, 20:31.

c) Nas Epístolas — 1 João 1:1-3, 4:2-3.

4.º — **Algumas Objecções.**

a) «Jesus apresentou-se como homem, a si-mesmo».

Resposta: E de facto era homem mas não queria dizer com isso que fôsse só homem.

b) «Jesus nunca se chamou a si-mesmo Deus».

Resposta: Mas atribuiu-se as qualidades de Deus tais como dar a vida, perdoar pecados.

c) «Jesus nunca requereu ou aceitou a adoração devida a Deus».

Resposta: mas requereu a fé e o amor que são devidos a Deus.

d) «Lê-se em S. João 17:3—» Que te conheçam a Ti só, por Deus verdadeiro...

Resposta: Só o Pai é Deus e não os ídolos do paganismo. Não fica o Filho excluído da divindade. Compreende-se que a relação da Paternidade só pode ser atribuído de Deus e, nesse ponto, Ele é «único Deus».

e) «Aparecem muitos textos em que Cristo se considera inferior ao Pai».

Resposta: Cristo é Deus e homem. Como Deus é igual ao Pai; como homem é inferior e é neste sentido que disse: «O Pai é maior do que eu». Também há dependência quanto à origem.

f) «Jesus reconheceu Deus como Pai e Deus de todos os seres humanos, logo somos todos filhos de Deus como Ele».

Resposta: Em João 20:17 Jesus refere-se à sua ascensão como homem, o seu corpo ia ser trasladado. Jesus não disse: vou para o *nosso Pai e nosso Deus*. Há neste texto uma distinção flagrante.

Conclusão — Dos textos do Novo Testamento teremos de concluir que Jesus é verdadeiro Deus, Filho Unigénito de Deus, Verbo incarnado.

(A) — O género humano e o mundo presente algum dia terão o seu fim. Em muitas citações bíblicas, com efeito, são anunciadas a *consumação dos séculos*, o *dia do Senhor*, a *parusia* ou *advento de Cristo* e a *sua manifestação*, a *dissolução deste mundo*, como se pode ver em S. Mateus 24:3; I Tim. 6:14; etc. Assim lemos:

«Havendo, pois, de perecer tôdas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade aguardando e apressando-vos para a vinda do dia de Deus em que os céus, em fogo, se desfarão e os elementos, ardendo, se fundirão. Mas nós, segundo a Sua promessa aguardamos novos céus e nova Terra em que habita a justiça».

(2 Pedro 3:11-13)

(B) — Acêrca do tempo em que estas coisas serão feitas nada se pode conhecer de absolutamente exacto segundo as seguintes palavras do Senhor:

«Porém daquele dia e hora ninguém sabe, nem os Anjos do céu nem o Filho mas só o Pai».

(S. Marcos 13:32)

Foi por esta razão que Leão X, no V concílio de Laterão, proibiu que ousassem asseverar qualquer coisa sôbre este assunto como se fôsse a exactidão absoluta. No entanto, os teólogos coligiram certos sinais em vários passos das Escrituras dos quais podem tirar conjecturas acêrca do advento do juízo. Os principais sinais são:

- a) **A prêgação do Evangelho** em todo o mundo (S. Mateus 24:14). Claro está que se trata da prêgação do Evangelho e não da conversão do mundo. Destas palavras de Cristo podemos ter a certeza, segundo Maldonado, que a consumação do mundo não será antes do Evangelho ser prêgado a todo o mundo mas também não poderemos asseverar que se dê *imediatamente* após essa prêgação.
- b) **A conversão dos Judeus** (Rom. 11:26).
- c) **A grande apostasia dos povos cristãos** que se deverá dar pela propaganda do ateísmo, do panteísmo e de outros êrros materialistas.

d) **O Advento do Anti-Cristo** quer por êle compreendamos uma pessoa, como vulgarmente se crê, quer designe os inimigos de Cristo em geral. (2 Tess. 2:1-11, I João 2:18; 4:3, etc.)

e) **As múltiplas perturbações** na natureza material, as guerras, as pestilências, o obscurecimento do sol, o abalo das potências celestiais, etc. (S. Mateus 24:29, S. Lucas 21:25). «O Sol se obscurecerá, a lua

doutrina, a princípio obscura, vai-se tornando cada vez mais clara.

Jô exclamava: «Quem me dera agora que as minhas palavras se escrevessem! Quem me dera que se gravassem num livro! E que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fôssem esculpidas na rocha! Porque eu sei que o meu Redentor vive e que por fim se levantará sôbre a Terra. E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus». (Jô 19:21-25)

Da expressão «em minha carne», muitos Pais da Igreja, tiram a certeza da ressurreição do corpo. Por exemplo S. Jerónimo (Epist. 53 n.º 8, P. L. 23, 545) diz: «Assim profetiza a ressurreição do corpo de tal forma que ninguém mais escreve dela tão clara e tão cautelosamente». Certos exageros católicos, depois de S. Crisóstomo e de Calmet, conhecedores das letras hebraicas, assim interpretam o texto: «Resurgirei dos mortos e verei a Deus que me aparecerá, vigiará a

minha inocência e me restituirá os meus bens».

Claramente afirmou Isaías: «Os teus mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão; despertai e exultai vós que habitais no pó» (Isaías 26:19)

E o profeta Daniel asseverava: «E muitos dos que dormem no pó da Terra ressuscitarão (acordarão) uns para a vida eterna e outros para o opróbio e desprezo eterno» (Daniel 12:2).

2.º — Do *Novo Testamento* poderemos citar muitos textos em que Jesus não só apresentou a ressurreição mas até a defendeu dos ataques dos Saduceus. S. Mat. 22:30-32

No Evangelho de S. João diz: «E eu o ressuscitarei no último dia». (S. João 5:29, 6:55). Na verdade Jesus provou a ressurreição; ressuscitando Lázaro de entre os mortos (S. João 11:1-44).

3.º — S. Paulo dissertou sôbre a ressurreição dos mortos em I Coríntios 15: «Se os mortos não ressuscitam, Cristo não ressuscitou. . e a vossa fé é vã».

b) Prova da Historia

Desde o 1.º século da nossa Era, fora da Bíblia podemos encontrar livros onde está indicada a fé dos nossos confrades na Ressurreição dos mortos: nos escritos de S. Clemente, por exemplo.

(Conclui na página 14)

UM CAPÍTULO

DE _____

Escatologia Católica

POR AD. TANQUEREY _____

não dará o seu resplendor e as estrélas cairão do céu».

Devemos confessar contudo que alguns destes sinais se podem aplicar apenas à destruição de Jerusalém, enquanto outros são gerais e, por isso, não se poderá diagnosticar com certeza a data da vinda do Senhor. Por consequência o Senhor virá inopinadamente, assim como o ladrão entra de noite: «Assim como foi nos dias de Noé, assim será na vinda do Filho do homem». (S. Mateus 24:37-39).

(C) — **A Ressurreição.** «No fim dos séculos, tôdas as pessoas ressurgirão, com os seus próprios corpos que agora têm».

Esta tese está escrita no IV Concílio de Laterão: «Que todos ressurgirão com os seus próprios corpos que têm agora para que recebam, segundo as suas obras, quer tenham sido boas, quer tenham sido más».

Nesta afirmação há dois pontos doutrinários:

- 1.º — Que a ressurreição será universal, ressuscitarão os bons e os maus;
- 2.º — Que todos ressuscitam corpóreamente com o seu corpo actual. . .

a) Prova tirada das Escrituras

1.º — Do *Velho Testamento*. Esta

A MÃO DE DEUS EM 1844

Por RAYMONDE BEACH

Vários factos providenciais marcaram a data profética de 1844.

Eis alguns:

1844— Foi naquele ano que Livingstone lançou as bases da sua primeira estação missionária em Mabotsa. E foi no ano seguinte que êle exclamou perante a sua missão em pleno desenvolvimento:

Quem é que poderá penetrar até ao coração da África? (África Waiting, p. 74).

Impelido por esta inspiração divina, pôs em execução êste mandato que foi, por assim dizer o único objecto da sua vida, e assim a partir dêste momento começaram a abrir-se as portas dum continente desconhecido.

1844— É ainda o ano em que o capitão Allen Gardener organizou

a Sociedade Missionária para a Patagónia e foi ali o início das Missões nas vastas regiões da América do Sul. Tanto êle como os seus companheiros consagravam a sua vida à pampa montanhosa e selvagem da Terra do Fôgo, onde desde muitos anos a mensagem é propagada.

1844— A Turquia, principal país mahometano do mundo toma disposições permitindo a um musulmano poder abraçar o cristianismo sem risco da perda de sua vida.

O sultão publica êste ano um decreto que diz:

A Sublime Posta compromete-se a tornar as medidas de protecção necessárias para garantir a vida de um cristão que tivesse renunciado o islamismo. Hora abençoada na

história da missão entre os mahometanos!

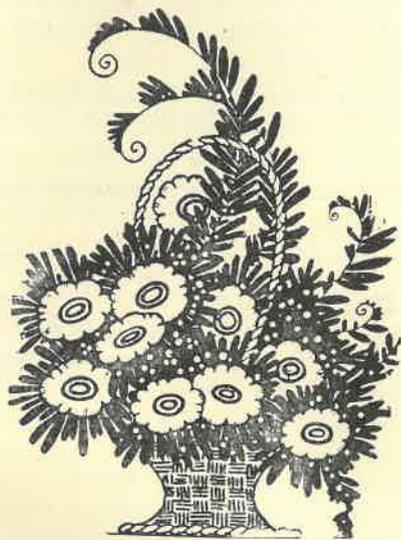
1844— Em 1842 dois portos chineses abriram-se aos estrangeiros. Em 1844 uma potência ocidental concluía um tratado que lhe abria as portas da China. O facto é marcado como se segue por Magowan:

(Êste ano 1844) foi notado por um tratado assinado pelo imperador, estipulando que o cristianismo seria tolerado em todo o império, não podendo nenhum cristão doravante hesitar no exercício da sua religião.

Os nucleos de missionários que esperavam êste momento correram então na direcção dêste país o mais povoado de todos os caminhos missionários, onde foram ocupando região após região.

As portas abriram-se por tôda a parte nas proximidades do ano 1844, havendo não só o fim de salvar almas, mas também de preparar o caminho da mensagem final.

A mão de Deus está lá.



«O Senhor fez diferença entre Israelitas e Egípcios» Êxodo 11:7.

«Porei separação entre o meu povo e o teu povo» Êxodo 8:23.

E que diferença, presado leitor! Que diferença entre o povo de Deus e o mundo! Quando a graça de Deus agiu no coração, tem de haver uma notável diferença, ainda hoje, como nos tempos antigos.

UM ABISMO DE DIFERENÇA

Sim, até os próprios animais domésticos, cães, gatos e burros, se pudessem falar como a burra de Balaão, poderiam testificar se os seus patrões são Cristãos de facto ou de aparência. Porque há muita diferença na maneira como os Cristãos e os não-Cristãos tratam os animais. Os Cristãos não podem esquecer aquela máxima divina que diz: «O justo olha pela vida dos seus animais mas as misericórdias dos ímpios são cruéis» Provérbios 12:10.

Notemos que é Deus quem estabelece essa diferença. É o Espírito do Senhor quem implanta nos seus corações o amor. É Jesus quem muda a disposição dos nossos caracteres — quem nos dá até o Seu próprio carácter divino. Há de facto

uma diferença — diferença nas palavras, nos actos, nos desejos, nas esperanças, em tôda a nossa vida íntima e externa.

No princípio Deus fez separação entre a luz e as trevas e esta ainda é a distinção entre o povo de Deus e o mundo. Enquanto os Egípcios estavam em trevas, «todos os filhos de Deus tinham luz nas suas habitações». Hoje também os filhos de Deus têm luz porque se a não tiverem não são Seus filhos. Esta é uma tremenda diferença; ter ou não ter luz.

Outra diferença está na redenção. Ser ou não ser salvo!

Sentiremos nós, leitor, a importância presente e eterna destas «diferenças» ou «separações» apontadas por Deus?

EXAGEROS

(Conclusão da página 2)

- d) Os condutores sensatos, comedidos, sofreram as consequências imediatas daquêle exagêro. A sua reputação, o seu bom nome, foi mal tratado pela turba ensandecida.

Não sabemos como se passou o caso de Jonas. ¿Teria êle prêgado a mensagem que Deus lhe deu ou exagerou-a um bocado? Se prêgou a mensagem tal qual a recebeu de Deus, haveria e há qualquer coisa de estranho, contrário ao atributo divino da imutabilidade. O texto diz que a mensagem era: «Vai à cidade de Ninive e prêga contra ela» (2:2); mais tarde foi-lhe repetido: «Prêga a mensagem que eu te disse» (3:2). Que fêz Jonas? «¿Ainda quarenta dias e Ninive será subvertida» (3:4)! Resultados: Ninive não foi arrasada dentro dos tais quarenta dias e ainda bem; Jonas ficou decepcionado e grande coisa foi não ter êle feito prosélitos que abandonassem as suas casas, os seus emprêgos e se despujassem do que era seu na expectativa de rápido fim de Ninive: livrou-se assim do arrôcho, naqueles tempos em que não havia polícia.

Nos nossos dias continuam os exageros da mesma forma e nos mesmos capítulos.

Êste sabe até o que nosso Senhor disse que nem Êle nem os anjos de Deus eram capazes de dizer: a data exacta do fim do mundo. É amanhã, é logo, é daqui a dez anos, o mundo não dura pelos seus cálculos mais de cinco anos, etc., etc. E ainda há pior: os que marcam a data certa — dia tantos de tal às tantas horas. Mas, em geral, são sensatos numa coisa que todos deveriam imitar: tratam da sua vidinha como se Jesus nunca viesse ao mundo. Exagerados! Alguns na boa intenção de ver se assustam o próximo não reparando que as reformas, à base mêdo, duram apenas o tempo necessário para fazer reinar a serenidade no espírito.

Dentro e fora das Igrejas nota-se um vulgar exagêro no capítulo alimentação. Todos gabam ao máximo o seu regime alimentar e dêle fazem depender a salvação do mundo. Frugivorismo! Vegetalismo! Omnivorismo! O que não se tem dito de dislates sôbre tudo isso. Êste, por-

que nosso pai Adão comia fruta, vá de gritar aos quatro cantos da terra que o regimene frugívoro é o que devemos seguir porque é próprio dos santos, dos anjos, de Adão antes de pecar, sem repararem que nós não somos santos, nem anjos, nem Adão antes ou depois de pecar. Aquêle, já mais avançado, admite a possibilidade de viver só de vegetais e declara que todos quantos não sigam tal regimene são candidatos «ao lago do fogo e enxôfre». Aqueloutro resolve o problema sob o ponto de vista religioso e declara que nosso Senhor tudo criou e, conseqüentemente, de tudo pode o homem comer, mas, muito sensatamente, evita comer môscas e outros animais.

Depois sucedem-se as contradições fatais. Êste furibundo frugívoro durante os meses das uvas, reparou, no inverno, que a fruta é pouca e cara e passa a transgredir o regimene que desejou impor aos seus ouvintes. Aquêle convicto vegetalista, que sempre teve uma cara desgraçada para tabuleta de regimenes alimentares, começa a sentir-se mal, vai ao médico que determina a existência da «miséria fisiológica» e... passa a comer até bifés com batatas.

Ora com um bocadinho mais de sensatez e de sinceridade poderiam evitar-se todos êstes exageros. Tôda a gente sabe que se pode ser frugívoro desde que haja dinheiro suficiente para obter a fruta em qualidade e quantidade necessária ao suprimento alimentar do organismo. O regimene vegetalista é óptimo sempre que se saiba extrair dos vegetais os variados elementos da nossa química orgânica. Não pode ser ou não sabe ser frugívoro ou vegetalista? Então carregue um pouco nos ovos — mesmo que sejam galados — no leite — embora digam os jornais que é uma mixórdiazinha muito respeitável — e em todos os alimentos dos quais possa obter energia, reparação dos seus tecidos gastos. É religioso? Então leia na Bíblia a maneira como o próprio Deus alimentava, em determinadas circunstâncias, os seres humanos e certificar-se-á que a Religião não gosta do exagêro. ¿Em circunstâncias especiais a bênção do Senhor repousou sôbre dois peixinhos que alimentaram milhares de pessoas!

Noutro capítulo da vida social em que o exagêro é perigoso é o do pacifismo. Eis o cristão sincero, amigo da Paz, desejo de contribuir para ela, não querendo ser elemento de perturbação e morte, procura cumprir os seus deveres so-

ciais em tôdas as actividades onde não haja derramamento de sangue. Dentro de certos limites de lealdade e segundo as possibilidades nacionais, tem o direito de escolher. Uma coisa é certa: não tem o direito de falar mal ou combater por palavras ou actos as autoridades que lhe guardam a vida e os bens: o exército, a polícia e a guarda. Mas, infelizmente e velhacamente, isso acontece.

Exageros, tudo exageros.

Escatologia Católica

(Conclusão da página 13)

No 2.º século S. Policarpo fala dela na sua epístola aos Filipenses VII:1.

Daqui por diante multiplicam-se as testemunhas.

c) Testemunho da Razão

É muito fraco porque a ressurreição não se pode provar baseando-nos só em princípios naturais. Segundo dizia S. Tomás (Suppl. 9. 75 a. 3) não há nenhum princípio activo de ressurreição na natureza nem quanto à função do espírito e do corpo nem quanto às disposições necessárias para tal função. A ressurreição, por consequência, a falar mais simplesmente, é miraculosa e não natural.

(Apud "Sinopse de Teologia Dogmática para uso dos Seminários" T. III)

SAÚDE E LAR

REVISTA DE MEDICINA POPULARIZÁVEL

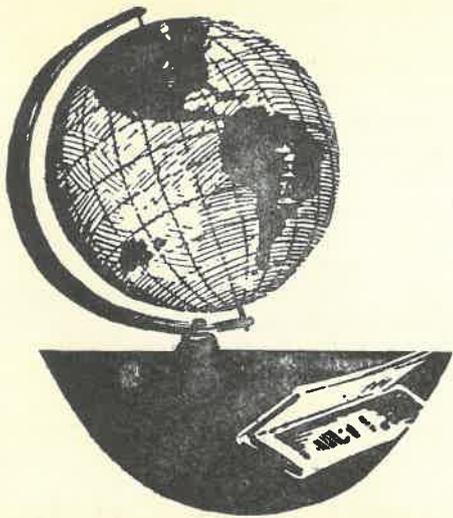
Vinte páginas de artigos
assinados por Médicos

PROFUSAMENTE ILUSTRADAS

Avulso 3\$00
Assinatura anual 15\$00
(seis números)

LEITURA ÚTIL E AMENA

REVISTA ADVENTISTA



grandes notícias em poucas palavras

Abraão Lincoln, famoso e magnífico presidente dos Estados Unidos, era cristão praticante mas não pertencia a nenhuma das denominações cristãs dos seus tempos. Alguém, dos seus íntimos, lhe perguntou a razão, ao que êle respondeu, pouco mais ou menos o seguinte: «Não poderia unir-me a nenhuma igreja porque não posso aprovar, sem reserva mental, alguns dos seus muitos intrincados artigos de fé. Quando apareça uma igreja com um credo reduzido à seguinte frase: «Amarás a Deus de todo o coração e ao próximo como a ti mesmo» unir-me-ei a ela de todo o coração.

A desunião entre cristãos, tão combatida nas palavras do Evangelho, provém da mania de complicar o que é simples e de «não se conformar com as suas palavras de nosso Senhor Jesus Cristo» consoante dizia S. Paulo em I Timóteo 6:3.

Admirável sinal dos Tempos

Nos tempos que precederam a invasão da Normandia, o presidente Roosevelt publicou uma prece a Nosso Senhor. O Governo de Sua Majestade Britânica parece também ter recomendado oficialmente uns dias de preces especiais. Hitler fala sempre no Todo-poderoso e recomenda-lhe o povo e os exércitos alemães. As notícias da Rússia são muito escassas e não sabemos se Estaline recomenda a prece. Os Japoneses, de certeza, julgam agradar a Deus obedecendo às ordens de Seu «Filho», o Imperador.

Parece que não, mas a verdade é que toda a Humanidade, mesmo os mais desempoeirados chefes, estão unidos no pensamento da

existência de Deus. Por enquanto, ainda têm a preocupação de querer inclinar a vontade de Deus ao sabor da vontade e interesse de cada um deles.

Que seria de grande e de bom se todos se resolvessem a inclinar as suas vontades e interesses particulares à vontade d'Aquêlle que «amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigénito» para salvar o mundo?!

Que quererão dizer?

Nos jornais lemos os discursos dos representantes máximos das Nações Aliadas. Num ponto estão de acôrdo: É necessário que uma «Potência Espiritual» anime a liga projectada das Nações. A antiga Liga das Nações fracassou porque não tinha exército para impôr as suas determinações nem um Poder Religioso a controlar os seus trabalhos.

Mas então querem estabelecer uma Liga das Nações, com exército e sob o domínio de uma Religião?

Se não estamos em êrro, nos tempos antigos, seguiram processo semelhante e os resultados foram tremendas guerras religiosas! Às vezes — quem sabe? — os estadistas podem encontrar artes de arranjar tal Liga ainda que deva ser difícil congraçar Cristãos, Maometanos, Confucionistas e fazê-los acatar as determinações do tal Poder Espiritual.

—:—

Certo jornal americano aponta o facto de que a influência católico-romana se faz sentir nos «studios» de Hollywood de forma a que as fitas, em geral, apresentam os padres como a quinta

essência da espiritualidade e da bondade humana enquanto os ministros não católicos são apresentados como hipócritas e bur-ladores. A verdade é que há de tudo em toda a parte e que o dinheiro pode tudo e manda em todos.

A mania dos queixumes

O soldado americano Vra Ashbaugh, no «Signs of the Times» de Fevereiro de 1943, diz:

«A mania da queixa é muito vulgar na vida do Exército (americano). Ali estão homens que foram retirados da sua vida normal e metidos em grandes casernas cheias de outros homens, bons e maus. Foi-lhes fornecida comida que não conheciam e de que não gostam; não têm os seus companheiros habituais e os que têm não lhes mostram a simpatia e o interesse que desejariam. Estas e outras condições oferecem razão para queixas.

«Muitas vezes tenho sido tentado a expressar a minha zanga e, de facto, tenho criticado e murmurado algumas vezes. Mas à medida que comparo a minha sorte com a de muitos outros vou sentindo cada vez menos razão para queixumes. O soldado Americano é o mais bem pago soldado do mundo. Também é o mais bem alimentado. Os Estados Unidos pagam mais pelo seu alimento — que é também o mais variado possível — do que qualquer outra nação na Terra. O soldado americano tem roupa boa, tem o equipamento superior e, conseqüentemente, pouca razão terá — se é que possa ter alguma — para queixumes.

«A ingratidão é perigosa. Na ingratidão se baseou a rejeição da nação judaica como povo escolhido de Deus. «Ingratos» é o adjectivo que o Apóstolo Paulo usa para descrever os seres humanos nos últimos dias da história deste mundo (2.ª Timóteo 3:2). A ingratidão é outro sinal da próxima vinda de Jesus. Peço a Deus que arranque inteiramente da minha vida esta inferioridade de caracter e que eu tenha sempre consciência das abundantes bênçãos de Deus. Todas as noites procuro agradecer a Deus a limpa cama e a ração que o Exército me dá».

E o mesmo poderemos, nós cristãos, dizer em muitas circunstâncias da nossa vida privada, religiosa e social.

AS

MISSÕES



Um Grande Campo



Na catequese, no Centro da África

de Acção para tôdas as Igrejas Cristãs

Quando a Europa se consumia em lutas sangrentas, o Infante D. Henrique, inclito filho de D. João I e da inglesa D. Filipa de Lencastre, fundou a escola náutica de Sagres e dedicou a sua vida a descobrir terras com o fim de levar mais longe a Cruz de Cristo. A fé cristã amparou os navegadores ousados e, no meio das tempestades e dos mêdos, deveriam receber conforto na ideia de dilatar o campo de Cristo. Só mais tarde foi esquecido por muitos êste ideal missionário, ao contacto das riquezas do Oriente. A obra missionária cristã foi planta trazida para Portugal desde remotos tempos e que criou profundas raízes na mentalidade do nosso povo.

Precisamos continuar a exercer, nestes tempos calamitosos, a actividade que illustrou os nossos antepassados. Estão confiados à nossa actividade missionária muitos milhares de quilómetros quadrados e alguns milhões de pobres criaturas, «mergulhadas na sombra da morte». Nos princípios dêste século fez-se

a pacificação das nossas colónias; presentemente a Administração está mais ou menos estabelecida; estradas atravessam as mais importantes regiões. Tudo isso constitue o trabalho preliminar necessário para a penetração dos missionários e o ensino da vida e doutrina cristãs.

A mensagem cristã contém tôda a vida nobre do corpo, da alma e de espírito. Ela tem de ser levada até aos confins da terra, como preparação à vinda de Jesus. Não pode haver felicidade terrena fora dos seus caminhos. Quantos dos nossos compatriotas de outras côres vivem ainda nas trevas do êrro e da superstição!

Nêste capítulo das Missões, como em tudo, há cristãos «com mais olhos do que braços», desejosos de obterem o monopólio da evangelização colonial. O Estado só tem a lucrar com o trabalho de todos os portugueses. Aqui também se aplicam bem as palavras do nosso Primeiro Ministro: «Todos os portugueses não são demais para en-

grandecer a pátria». As melhores missões serão aquelas que, além de cristianizar, não custam um centavo ao Govêrno e, pelo contrário, canalizam fundos para as colónias. Neste sentido têm trabalhado as Missões Adventistas.

As Congregações Adventistas Portuguesas vão entrar, dentro de poucas semanas, no 22.º ano de esforço na obtenção de fundos para as suas missões. Desejamos contribuir com a nossa quota-parte na grandiosa obra de ensinar curar e salvar os nossos compatriotas de côr. Queremos que os nossos missionários e as estâncias oficiais que os dirigem, se sintam apoiadas pela nossa simpatia positiva. Dezenas de Adventistas, de ambos os sexos, a parte mais viva e activa das nossas Congregações, percorrerão Portugal a distribuir a Revista Missionária cujo produto reverte para o Fundo Prò-Missões.

Rogaremos a Deus que «envie ceifeiros para a Sua seara» e mãos prontas a coadjuvarem o seu nobre trabalho.